



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

EMANUELLY SHAYENE MORAIS NOGUEIRA

**JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE
PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

EMANUELLY SHAYENE MORAIS NOGUEIRA

**JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE
PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Cultural

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cássia Lobão de Assis

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N778j Nogueira, Emanuely Shayene Morais.
Jornalismo cultural em tempos de pandemia [manuscrito] :
rotinas de produção no contexto da rede ITA / Emanuely
Shayene Morais Nogueira. - 2022.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Cássia Lobão de Assis ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. jornalismo cultural. 2. Pandemia Covid-19. 3. Cultura. 4.
Diversidade. 5. Rede Ita. I. Título

21. ed. CDD 070.4

EMANUELLY SHAYENE MORAIS NOGUEIRA

**JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE
PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

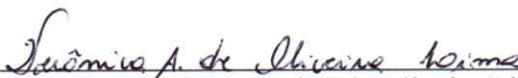
Área de concentração: Jornalismo Cultural

Aprovada em: 17 / 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Cássia Lobão de Assis (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Verônica Almeida de Oliveira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Orlando Angelo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus primeiros professores, Marcelo A.
G. Nogueira (*in memoriam*) e Edina Lima de
Morais.

“Tenho tão nítido o Brasil que pode ser, e há
de ser, que me dói o Brasil que é.”
Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JORNALISMO COLABORATIVO, DE PROXIMIDADE E CULTURAL: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL HISTÓRICA	7
2.1 Jornalismo Cultural	7
2.1.2 <i>Jornalismo Cultural no Brasil</i>	8
2.2 Jornalismo Colaborativo	10
2.3 Jornalismo de Proximidade	12
3 JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA	14
3.1 TV Cultura: 53 anos informando e formando gerações	14
3.2 TV Itararé: É Coisa Nossa!	14
3.2.1 <i>TV Itararé durante a pandemia</i>	15
3.3 A TV Itararé agora é Rede Ita	16
3.4 Profissionais da Rede Ita: adaptação à mudanças	21
3.5 Diversidade: o programa de jornalismo cultural genuinamente campinense	22
3.6 Estágio em jornalismo cultural	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA

CULTURAL JOURNALISM IN PANDEMIC TIMES: PRODUCTION ROUTINES IN THE CONTEXT OF REDE ITA

Emanuelly Shayene Morais Nogueira¹

RESUMO

O presente artigo realiza uma análise sobre as rotinas de produção jornalística em tempos de pandemia e isolamento social em um contexto local, a partir do estágio não obrigatório realizado na afiliada da TV Cultura em Campina Grande, a Rede Ita. O estágio começou ainda durante o período mais duro das restrições em 2020 até setembro de 2022, a OMS (Organização Mundial da Saúde) começou a cogitar o fim da pandemia. O objeto de estudo serão as atividades do estágio realizadas dentro do programa de jornalismo cultural “Diversidade”, a agenda cultural da emissora que há 15 anos traz, de segunda à sexta, um conteúdo voltado para o social, o cultural e o educacional.

Palavras-chave: jornalismo cultural; pandemia; cultura; Diversidade; Rede Ita

ABSTRACT

This article analyzes the routines of journalistic production during the pandemic and social isolation times in a local context, based on the non-mandatory internship that took place at the affiliate of TV Cultura in Campina Grande, Rede Ita. The internship began during the toughest period of restrictions in 2020 until September 2022, and the WHO (World Health Organization) mentioned the end of the pandemic. The object of study will be the internship activities carried out within the cultural journalism program “Diversidade”, the cultural agenda of the broadcaster that for over 15 years, and counting, brings content focused on social, cultural and educational matters from Monday to Friday.

Keywords: cultural journalism; pandemic; culture; Diversidade; Rede Ita

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do estágio realizado no departamento de programação, mais especificamente do programa de jornalismo cultural "Diversidade" da Rede Ita, afiliada da TV Cultura em Campina Grande-PB que aconteceu durante o período da pandemia, em outubro de 2020 e que durou até agosto de 2022.

Nos últimos dois anos, o mundo precisou se reconfigurar, devido a pandemia do novo coronavírus. Nossas rotinas e hábitos foram modificados.

O jornalismo, no geral, passou por muitas mudanças e adaptações por conta da COVID-19. No jornalismo cultural, a impossibilidade dos shows presenciais, a suspensão da produção audiovisual local, a ausência dos espetáculos circenses, enfim, são exemplos do quanto todo o agendamento da editoria precisou ser ressignificado. Desde o final de 2019, o mundo foi surpreendido com o anúncio de um novo vírus de doença respiratória e de contágio muito rápido que havia sido descoberto na China. A doença começou a se espalhar por todos os continentes do mundo, com repercussões não só na saúde da população mundial, mas como mudanças políticas, sociais e econômicas inesperadas, difíceis de enfrentar e que nem os mais pessimistas poderiam prever.

No dia 11 de março de 2020, a OMS elevou o *status* de emergência de saúde pública, declarando estado de pandemia global. O termo “pandemia” é referente à distribuição geográfica de uma doença e não a sua gravidade, que, até então, não era totalmente conhecida.

A maioria dos países anunciou Estado de Emergência, algo que não abalava tanto todo o planeta desde a segunda guerra mundial. Fronteiras foram fechadas.

Além da economia, da política, dos eventos esportivos, algumas atividades que também sofreram um impacto negativo importante foram os setores cultural e criativo. Estes foram impactados significativamente, mudando a dinâmica do mercado de trabalho cultural, que precisou encontrar as mais variadas formas e diversos arranjos para se manterem “vivos”.

Os serviços de imprensa foram considerados atividades essenciais pelo governo federal nesse período, através do Decreto Federal Nº 10.288² de março de 2020 e as rotinas dos jornais puderam ser continuadas, mas com adaptações, para garantir que as informações continuassem a chegar à população, cumprindo um princípio constitucional.

As rotinas produtivas jornalísticas³ e modos de produzir notícias foram alterados, configurando o trabalho, de forma que a notícia não deixasse de chegar ao público. E a ajuda de aparelhos tecnológicos nas redações foi muito importante durante o período da quarentena.

O objetivo deste trabalho é mostrar como observador-participante a descrição as atividades do jornalismo cultural da emissora de televisão, Rede Ita, pôde ter continuidade mesmo com o cenário em que vivíamos e o começo da evolução em um novo normal, desde a produção de pautas, à execução de reportagens, o dia a dia na redação, as rotinas de edição e a exibição do conteúdo.

O trabalho está dividido em duas seções, contendo a primeira parte do referencial teórico, que dá ênfase a um pequeno apanhado histórico e conceitual sobre o jornalismo cultural, o jornalismo colaborativo e o jornalismo de proximidade. Na segunda seção está a abordagem do período em que passamos produzindo, como foi possível continuar produzindo conteúdo jornalístico e uma breve apresentação de rotinas e o dia a dia do período do estágio

² <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>

³ Atividades realizadas no cotidiano das redações jornalísticas, que vão da seleção de pautas, elaboração de reportagens e edição da informação até que chegue ao espectador.

2 JORNALISMO COLABORATIVO, DE PROXIMIDADE E CULTURAL: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL HISTÓRICA

Para melhor compreender o contexto do relatório do estágio, ora apresentado sob a forma de artigo científico, levamos em consideração o suporte histórico e conceitual esboçado na sequência, tendo em vista a extrema importância desse alicerce durante o processo de adequação e adaptação no exercício de nossa profissão, frente a tantas mudanças, nesse interstício da pandemia: o jornalismo cultural, o jornalismo colaborativo e o jornalismo de proximidade.

2.1 Jornalismo Cultural

Para entender o contexto de um programa tipo o Diversidade, da Rede Ita, é preciso revisitar o conceito de cultura a partir da visão das ciências sociais, viajar um pouco na história para entender o que é jornalismo e sua segmentação em editorias e finalmente fazer uma abordagem de interface que associa esses dois conceitos em um só no que hoje designamos de jornalismo cultural.

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) traz uma definição de cultura bastante pertinente ao presente contexto. Para o autor, a cultura é a própria condição de existência humana, um produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido às suas ações, dentro de uma sociedade. A partir disso nascem as crenças, os costumes, os valores e os aspectos que fazem com que o homem crie uma identidade própria.

Desde os primórdios são contadas as histórias das pessoas, ocorrendo a demarcação de suas identidades, a partir dos agrupamentos a que pertencem. Nas manifestações, por exemplo, cada povo constrói suas referências, vividas por esses povos e transformam em algo artisticamente relevante, através da literatura, música, dança, cinema e tantas outras linguagens. Dessa forma, podemos compreender o exercício do jornalismo também como atividade cultural. E, no contexto específico das editorias de cultura, é a atividade que faz o registro do factual considerando suas várias nuances, legitimando nesse agendamento os eventos artísticos, as iniciativas que configuram a identidade dos grupos sociais, a partir da arte e de seus artistas.

A notícia é o gênero textual que narra um acontecimento sob a prerrogativa da atualidade e interesse público. Nesse escopo, cabem tanto os acontecimentos da economia e da política, de eventos esportivos, quanto os artísticos, considerando os entretenimentos que lhe são inerentes.

A atividade de produzir e divulgar notícias vem se especializando ao longo dos anos. Ainda no século XIII, por exemplo, os viajantes precisavam trocar informações, de modo que se popularizaram os *avvisis*⁴, que eram pregados nos muros das cidades.

No século XV, veio a invenção da máquina de *impressão ocidental*⁵, com o alemão Johannes Gutenberg (1398-1468). O artefato possuía placas com símbolos gráficos (letras, números, pontos e etc) e prensas. As matérias primas da produção da impressão eram o papel e as tintas à base de água. E o processo se dava da seguinte forma: fazia-se um pressão em uma superfície com tinta em cima geralmente do papel ou do tecido, que transferia a mensagem para uma superfície de impressão.

⁴ *Avvisi*: palavra derivada do italiano, significa aviso/comunicado.

⁵ Há quem diga que no século XI, o inventor chinês Bi Sheng, já havia criado algo semelhante, mas Gutenberg que se popularizou pela capacidade de produzir e reproduzir conteúdos.

No século seguinte, o processo feito pela “prensa de Gutenberg” de conseguir reproduzir escritos em larga escala, como a Bíblia, por exemplo, se popularizou, trazendo uma mudança radical na forma de se ler e de se divulgar conteúdos.

A atividade de usar a prensa para reproduzir conteúdos que chegariam à sociedade começou a ser chamada de imprensa. Os acontecimentos históricos despertavam cada vez mais o interesse de leitores, circunstância que contribuiu para o surgimento dos primeiros jornais no século XV.

Os jornais noticiavam as colonizações, o mercantilismo, as coisas que aconteciam no centro do poder, as ações da igreja e etc. Tais publicações assumiram o protagonismo na divulgação de informações e acontecimentos que interessam à população.

Um dos principais estudiosos da comunicação e do jornalismo, Nelson Traquina, diz que definir “jornalismo” em uma única frase é impossível e até absurdo. Ainda assim, o autor nos traz uma alegoria sucinta e despretensiosa ao afirmar que o jornalismo é “*a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias - o que é que aconteceu / o que é que está acontecendo no mundo?*” (TRAQUINA, 2005, p. 20).

O século XVIII foi um divisor de águas, foi nesse período que o jornalismo começou a ter sub-divisões bem definidas, os chamados gêneros jornalísticos.

Política e economia já tinham seus cadernos em jornais, periódicos, revistas e etc. A partir do surgimento do interesse em temas como música, teatro, literatura e para não dizer “fofocas” de eventos da alta sociedade, viu-se a necessidade de ampliar os cadernos dessas publicações. Surgiram então os cadernos culturais trazendo para o jornal as expressões artísticas.

O lançamento da revista *The Spectator* (O Espectador, em uma tradução literal) pelos ensaístas ingleses Joseph Addison e Richard Steele, foi um fato marcante para o surgimento do termo “jornalismo cultural”, afinal o periódico cobria vários eventos sociais, óperas, teatro, festivais de música, lançamento de livros e até abordava questões estéticas da sociedade londrina. Não demorou muito para a *The Spectator* se tornar amplamente conhecida. Segundo PIZA (2011, p. 12) a revista tinha “conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico”.

Ainda na Europa, países como Alemanha e França começaram a apresentar nomes para a prática do jornalismo cultural: Diderot, Baudelaire, Lessing e muitos outros.

Obviamente muita coisa aconteceu entre o século XVIII e agora, o momento em que vivemos, o século XXI: guerras, mudanças culturais, evoluções e revoluções, entre tantas outras coisas, como a pandemia do Coronavírus, algo que nem o maior dos pessimistas poderia prever. E o jornalismo foi avançando junto com a história, as revoluções tecnológicas, acompanhando as demandas sociais e mercantis.

2.1.2 Jornalismo Cultural no Brasil

No Brasil, o jornalismo cultural surge no início do Segundo Reinado, com os folhetins, que vinham com críticas literárias, divulgação de eventos culturais e até a publicação de romances em capítulos.

Da vinda da família real em 1807 até chegar a independência do Brasil em 1822, foram se desenhando as condições que iriam favorecer um novo modo de produção cultural no país.

A consolidação do jornalismo cultural se veio no fim do século XIX, com dois nomes importantes: o escritor Machado de Assis⁶, que em 1855 publicou o seu primeiro poema

⁶ Informações disponíveis em <https://machado.mec.gov.br/>

“Ela”, quando começou a ser colaborador do jornal “Marmota Fluminense” e que em 1859 iniciou sua carreira como crítico de teatro, foi presidente fundador da Academia Brasileira de Letras; e o jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário, José Verissimo, membro fundador da ABL e que ocupava a cadeira nº 18.

Vários periódicos que tinham cadernos de cultura foram surgindo para ajudar nesse processo de consolidar o jornalismo cultural: *Correio Braziliense*, *Gazeta do Rio De Janeiro*, *A Aurora Fluminense*, *Correio do Rio De Janeiro*, *Revista Brasileira*, *O Globo*, *A Estação* e muitos outros que vieram em seguida.

No século XX, o jornalismo cultural foi ganhando formas ainda mais definidas no país, a revista *O Cruzeiro* (1928-1975), uma publicação semanal ilustrada brasileira, circulou por 47 anos, sendo uma das revistas mais importantes do cenário nacional, com páginas sobre cinema, saúde, literatura, notícias da semana, política e até humor.

O Cruzeiro teve nomes como José Lins do Rego, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz contribuindo com a publicação, um verdadeiro marco para o jornalismo cultural e fotojornalismo no país.

Nos anos seguintes surgiram revistas como *Manchete* (1952-2000), *Fatos & Fotos* (1960-1980) e *Realidade* (1966-1976).

Essas quatro revistas tiveram publicações durante o período da ditadura militar. Sofreram muita censura, mas mesmo assim mantiveram a presença de arte e cultura no agendamento dos meios de comunicação.

Durante o processo de redemocratização, a revista *Bizz* (1985-2007) chegou trazendo música, cultura pop e muitos assuntos nessa perspectiva do jornalismo de um segmento específico. No mesmo ano em que a *Bizz* chegava às bancas, a retomada da democracia tornava legítimo ao novo governo a criação do Ministério da Cultura.. Era o fim da censura e a volta do exílio daqueles que poderiam produzir material para o jornalismo cultural: os artistas, os jornalistas, cantores exilados e claro, alguns políticos.

Nesse meio tempo, o jornalismo cultural no país já não estava mais restrito ao impresso, esse jornalismo especializado já havia chegado às emissoras de rádio e televisão.

O rádio começou a operar no Brasil em 1923, com a criação da primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Nos anos 1930 a emissora de rádio tinha na sua grade programas de auditório, comédia, radionovelas e música.

Em 1950, foi lançada a primeira emissora de TV no Brasil e da América Latina: A *TV Tupi*, foi inaugurada pelo jornalista paraibano Assis Chateaubriand. Dois anos após chegou a *TV Paulista*, hoje conhecida como *Globo*. Em 1953, foi inaugurada a *TV Record*. Nos anos seguintes surgiram as TVs *Rio*, *Continental*, *Excelsior*, *Cultura*, *Gazeta*, *Manchete* e *Bandeirantes*.

No início da TV no Brasil, as emissoras lançaram programas de jornalismo e também de entretenimento, com música, humor, danças, novelas, quadros especiais e desenho animado.

E, com o passar dos anos, as emissoras comerciais, aquelas que se mantêm com publicidade, passaram a apostar em programas de auditório, de entretenimento e até de *reality shows* dentro da grade de programação. O jornalismo cultural aparecia no contexto dos telejornais pioneiros.

Agora que vivenciamos a terceira década do século XXI o público consome um conteúdo personalizado além do contexto da TV aberta. Machado e Velez (2014, p.55) falam que “Esse tipo de consumidor/produtor está exigindo experiências midiáticas de uma mobilidade mais fluida, formas de economia mais individualizada, que permitam a cada um compor suas próprias grades de programas”.

Essa assertiva pode ser confirmada com o exemplo das pessoas que estavam em casa devido à quarentena imposta pela pandemia, e o consumo de conteúdo jornalístico, bem como

de produções culturais como filmes, séries, livros, música e entretenimento em geral aumentou bastante, como uma forma de tentar manter o bem estar emocional, individual e coletivo. E um significativo percentual dessas produções chegou a sociedade mediante os conteúdos sob demanda, doravante disponíveis em serviços de *streaming*⁷ e outras plataformas digitais.

Uma pesquisa quantitativa do Itaú Cultural em parceria com o instituto Datafolha⁸, realizada entre os dias 05 e 14 de setembro de 2020, investigou os hábitos culturais da população brasileira na pandemia e as expectativas para a prática após a reabertura dos espaços e equipamentos culturais. O estudo mostrou que 90% dos entrevistados acessou diversas formas de cultura através do celular entre março e setembro de 2020, período do isolamento social mais rígido.

Neste estudo, 1.521 entrevistas foram feitas por telefone, com pessoas de todo o Brasil, com idade entre 18 e 65 anos. A pesquisa supracitada que mostra o quanto a população aumentou o consumo de cultura durante a pandemia. Dentre as atividades mais realizadas e indicadas como preferidas pela amostra estão: ouvir música, assistir a filmes, séries e shows de música em plataformas digitais, seguidas de leitura de livros, realização de cursos e consumo de jogos eletrônicos.

Os entrevistados também fizeram uma avaliação positiva da arte e da cultura no período para manter a saúde mental e ressaltaram a democratização dos conteúdos culturais para as pessoas que não podiam arcar com custos de algumas atividades antes da pandemia.

Além disso, o estudo sinaliza que o isolamento social fez com que as pessoas voltassem a consumir por mais tempo conteúdos de televisão, dentre eles os produzidos pelo jornalismo cultural, que anteriormente estavam ocupando menos espaço em canais abertos, como por exemplo nos canais regionais, onde cultura fica restrita às vezes apenas a agendas culturais para o fim de semana.

Chegando a um contexto mais local, na Paraíba os espaços dessa possibilidade de jornalismo cultural nas grades das emissoras têm sido menores, devido ao valor comercial/publicitário que o tempo na TV representa. Tanto é que são poucos os programas culturais na televisão paraibana, a exemplo do Diversidade que está há 15 anos sendo resistência.

Mas o público que passou a consumir mais produtos culturais passou a querer se informar mais sobre cultura, então, o principal desafio dos jornalistas culturais era como continuar produzindo conteúdo para firmar ainda mais esse público já que as atividades culturais estavam em pausa em um espaço que já era bem restrito para essa editoria.

2.2 Jornalismo Colaborativo

Mesmo antes da pandemia, o processo de globalização, criou a necessidade de instantaneidade em vários processos, inclusive na busca da informação e das notícias, ou seja, “As notícias estão cada vez mais portáteis, personalizadas e participativas - em outras palavras, o jornalismo, mais uma vez passa por uma reinvenção.” (BARBERO & LIMA, 2013, p.29)

A reinvenção do jornalismo passou pela era digital, aquela produção noticiosa multimidiática que começou nos anos 2000 e vem evoluindo desde então, estando presente inclusive nas redes sociais, criando o jornalismo multiplataforma.

⁷ Streaming é uma tecnologia que envia informações multimídia através da transferência contínua de dados, utilizando principalmente a internet.

⁸ Pesquisa disponível em:

https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100597/habitos_culturais.pdf

O jornalismo passou a não se prender mais a um único veículo, um produto jornalístico não é ouvido pelo rádio ou assistido apenas pela TV. O espectador pode estar acompanhando o conteúdo através de um computador, de um smartphone, entre tantos outros dispositivos.

Quando as pessoas começaram a ficar em casa por conta da pandemia do coronavírus e não podiam mais ir de forma presencial a eventos culturais, shows, lançamentos de filmes e livros, festas, projetos de produção audiovisual e desfiles foi preciso aperfeiçoar o uso de ferramentas e recursos digitais, para estar próximo ao público e atender às demandas contemporâneas.

Foi um período difícil para quem estava acostumado a produzir conteúdo para produtos jornalísticos com frequência, limitou-se muito as possibilidades, reinventar-se foi mais que necessário para quem trabalha direta ou indiretamente com a cultura.

Na esfera pública governamental brasileira, para ajudar esse setor, foi criado um auxílio emergencial, a partir da *Lei Aldir Blanc*⁹, que considera uma ajuda de custo para trabalhadores e organizações da cultura. Este incentivo voltou a estimular parte do setor impactado com medidas restritivas mantendo os locais fechados e com o público isolado.

Com as flexibilizações sanitárias, começaram as contrapartidas, os artistas puderam voltar a realizar apresentações públicas e o jornalista cultural pôde “voltar às ruas” e cobrir pautas mais pontuais, sair do registro muito restritivo das chamadas *lives*. Foram muitas as mudanças, desde o início da pandemia até o “novo normal” e o jornalismo cultural precisou realmente se adaptar a todas elas.

Nesse contexto pandêmico, a condição do público de colaborar como produtor de conteúdo foi ampliada de forma muito significativa. Essa prática que contempla o chamado jornalismo colaborativo se consolidou, por exemplo, com artistas fazendo o papel de cinegrafista das próprias entrevistas e matérias, enviando esse material para as redações jornalísticas, que por sua vez faziam a checagem, edição, tratamento e publicação do material no formato já repertoriado como jornalístico pelo público. Vivências e experiências que corroboram a compreensão de que o jornalismo colaborativo é um fenômeno que não é recente, uma vez que o feedback já acontecia antes do advento das mídias digitais, porém atualmente, com a facilidade de acesso às ferramentas de produção, publicação, cooperação e partilha de informação, o público deixou de ter um usufruto passivo de conteúdo, sendo cada vez mais ampliadas as possibilidades de interação com jornalistas e profissionais afins. (AROSO e CORREIA, 2007).

Os jornalistas passaram a traçar estratégias para utilizando-se dessas tecnologias e também de um ingrediente que já não é tão novo assim: o espectador. Que mais do que nunca, na pandemia, não era mais apenas uma “fonte” e se tornou também um produtor de conteúdo, fazendo o papel também de cinegrafista das próprias entrevistas e matérias, enviando esse material para as redações jornalísticas, que faziam em seguida aquele papel de checagem, edição e tratamento até que a informação seja levada ao grande público.

A proximidade promovida pelo “online” com o uso de recursos como as tecnologias móveis e esses processos interativos possibilitaram que a produção e veiculação do jornalismo cultural conseguisse ser realizada mesmo com a quarentena e com as atividades culturais paralisadas. Os processos de pauta, apuração da notícia, entrevista, redação, edição e veiculação começaram a ser facilitados por conta dessas ferramentas.

O trabalho do jornalista cultural de selecionar assuntos que fossem interessantes aos espectadores não era mais ir às ruas. Nesse período, os jornalistas, em geral, precisaram mais

⁹ *Lei Aldir Blanc* é uma proposição federal, de nº14.017/2020, que estabelece uma série de medidas emergenciais para o setor cultural e criativo durante o período de calamidade pública imposta pelo coronavírus. O projeto recebeu esse nome em homenagem ao compositor e escritor carioca Aldir Blanc, que faleceu em virtude da COVID-19.

do que nunca acompanhar os portais de notícia, ler blogs, ir atrás de pautas nas redes sociais, lendo/ ouvindo sugestões do público, ler revistas, jornais, acompanhar outros programas de rádio e TV entre outras coisas.

A proximidade que veio com a comunicação por celulares, computadores e etc. Seja por aplicativos de mensagem, pela internet, ligações, redes sociais e tantas outras ferramentas que “encurtaram” a distância, fazendo com que conteúdos continuassem a ser produzidos.

Os processos de pauta, apuração da notícia, entrevista, redação, edição e veiculação começaram a ser facilitados por conta dessas ferramentas.

A realização de eventos online se tornou comum, *lives*¹⁰, transmissões ao vivo, conferências por aplicativo e entrevistas virtuais foram realizadas para manter o espectador bem informado e com entretenimento. O “fazer jornalístico” foi completamente alterado, devido a essa necessidade de continuar produzindo conteúdo para o público a partir de circunstâncias tão inusitadas.

O público ampliou, portanto, seu protagonismo nesse momento de imprescindível parceria com os ambientes corporativos do jornalismo, em que jornalistas precisavam se reinventar.

Com a interatividade, a prática de sugerir pautas, mandar vídeos/áudios/notas às redações se consolidou. Ou seja, o fácil acesso às ferramentas portáteis de tecnologia possibilitaram que o público pudesse produzir e ajudar na produção de conteúdos que foram veiculados nesse período. Para Machado Filho e Ferreira (2016, p. 106), a produção desses conteúdos atinge diferentes segmentos da população, mas ponderam que fotos e imagens cedidas pelo público devem ser analisadas reiterando o papel do jornalista curador e a legitimação da atividade jornalística, mesmo diante dessa ampliação do empoderamento da sociedade no tocante à produção e difusão de informações.

2.3 Jornalismo de Proximidade

Quando falamos a palavra proximidade estamos nos reportando a algo que nos é próximo fisicamente ou com o qual nos identificamos de alguma forma. No jornalismo, o significado é o mesmo, ainda que vivamos num mundo globalizado, o espaço do jornalismo regional e local ainda é muito enfatizado academicamente e nos ambientes corporativos. A informação deve estar próxima de alguma forma do público, seja geograficamente ou por identificação cultural com o que está sendo noticiado.

No jornalismo local, os conteúdos considerados mais importantes são os fatos que acontecem na região e são noticiados em espaços midiáticos demarcados. Estudos demonstram o quanto a sociedade valoriza assistir na televisão às notícias sobre a cidade em que mora, que se reportam a personagens que lhe são familiares.

O jornalismo cultural faz o papel de estar próximo a comunidade, como defende Priolli (2007, p.84) que afirma: “ para que se tenha uma TV mais próxima da comunidade é preciso que as manifestações culturais destas sejam compartilhadas por um número maior de pessoas da própria região”.

E esse é justamente o papel do jornalismo de proximidade, que funciona como centro de dados disponíveis de uma determinada região, desempenhando o papel de elo comunitário entre o que é noticiado e seu público.

E no contexto transfronteira em que vivemos, proximidade nesse caso não se limita ao conceito geográfico, o termo se refere também ao público-alvo que se deseja alcançar. Mas

¹⁰ Transmissão ao vivo de áudio e/ou vídeo na internet, geralmente feita por meio de aplicativos e redes sociais.

a proximidade não geográfica/física como as proximidades por identificação cultural, ou pelo sentimento de pertencimento identitário é tão importante quanto a proximidade física.

É oportuno que a gente faça um jornalismo que mostre o que os produtores da cultura local estão fazendo. Como apresentado no tópico anterior, as tecnologias passaram a encurtar distâncias. O espectador deseja consumir o conteúdo produzido pelo jornalismo cultural, independente da localização geográfica, porque se identifica com aquele assunto e tem interesse nele a partir de motivações mais complexas.

3 JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ROTINAS DE PRODUÇÃO NO CONTEXTO DA REDE ITA

A crise provocada pela COVID-19 atingiu vários setores, inclusive o jornalismo televisivo. Como citado anteriormente, o consumo da televisão voltou a ter grandes números e as redações que estavam com pouco contingente precisaram arrumar novas formas de trabalho e de manter a continuidade de entrega de conteúdo aos espectadores.

O jornalismo local também precisou se adaptar. Equipes de trabalho nas ruas precisaram ser reduzidas, mas o trabalho em home office ganhou força. Conseqüentemente, as redações começaram a ser adaptadas ao contexto da produção online. O trabalho continuou, tendo em vista que as notícias não deixaram de acontecer. Os espaços nas grades de programação foram preservados porque o telespectador precisava se manter informado.

E para conhecer melhor o nosso objeto de estudo, o Programa Diversidade, da TV Itararé e agora Rede Ita, precisamos fazer uma contextualização da emissora enquanto afiliada da TV Cultura, conforme apresentamos na sequência desta explicação.

3.1 TV Cultura: 53 anos informando e formando gerações

A TV Cultura foi inaugurada oficialmente em junho de 1969 após vários meses de transmissões experimentais sob administração da Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas, com a missão de trazer para a televisão brasileira o conceito de TV pública e educativa.

Ao completar 53 anos, a TV Cultura possui 76 emissoras afiliadas, nos 27 estados brasileiros, que retransmitem a programação da matriz geradora, que fica em São Paulo.

O lema da TV Cultura atual é: “*Cultura, Qualidade em 1º Lugar*”. Na grade de programação, muita coisa remete à educação, às artes e ao entretenimento, a exemplo de programas como o Metrópolis, o Estação Livre, o Matéria Prima, o Roda Viva, o Café Filosófico, o Provoca e o infantil Quintal da Cultura.

3.2 TV Itararé: É Coisa Nossa!

Fundada em setembro de 2006, a TV Itararé, afiliada da TV Cultura em Campina Grande, Paraíba, operou inicialmente no canal 18 UHF digital. Sua concessão foi feita ao empresário Dalton Gadelha. A TV Itararé foi a primeira emissora pública de Campina Grande, sendo mantida pela Fundação Pedro Américo, do grupo Unifacisa, um conglomerado de empresas voltadas para as áreas de educação, cultura, saúde e desenvolvimento social.

Sua sede inicialmente era no bairro Itararé. E, desde 2014, fica no bairro do Catolé. Possui 900m², com três estúdios padrão e cenários virtuais com tecnologia em chroma Key. Possui 60 colaboradores em seu quadro, divididos entre jornalistas, editores de imagem, equipe técnica e de apoio e estagiários.

A TV Itararé possuía departamentos de técnica, comercial, produção de conteúdo para a grade da emissora: o de jornalismo e o de programação não necessariamente jornalística.

A emissora sempre prezou pela orientação da TV Cultura, nossa matriz, que preza pelo estímulo à cidadania através de uma programação voltada para a educação e a cultura.



Fonte: Emanuely Nogueira

3.2.1 TV Itararé durante a pandemia

Durante a fase mais aguda do Covid-19, alguns profissionais que têm doenças pré-existentes ou comorbidades foram afastados temporariamente da emissora ou realocados para o trabalho *home office*¹¹, seguindo os protocolos da OMS e decretos das autoridades locais na área de saúde¹². As demandas continuaram as mesmas: produção de pautas e checagem de informações na redação, repórteres nas ruas e âncoras e editores ajustando a produção dos programas da casa, desde o telejornal local, o “Meio Dia na Itararé”, como dos demais programas da grade: Diversidade, É Bom Saber, Ideia Livre e Itararé Esportes.

Para manter a segurança e a saúde de todos os colaboradores, foi criado um comitê de biossegurança, como a instalação de protetores de acrílico na redação, distribuição de máscaras aos profissionais, higienização constante, álcool em gel disponível em vários pontos do prédio da TV e da redação, sinalização em vários locais para não causar tumulto, redução de pessoas por sala/ambiente, além de cursos online de biossegurança.

Fotos 03 e 04 - Redação durante a pandemia



Fonte: Arquivo pessoal

Fotos 05 e 06 - Setores técnicos da Tv Itararé durante a pandemia

¹¹ *Home office*: expressão inglesa que significa “escritório em casa”, nele o profissional realiza suas atividades de trabalho em casa, como faria se estivesse em uma empresa, atualmente com o suporte das tecnologias digitais.

¹² <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/marco/diario-oficial-14-03-2020.pdf/>



Fonte: Arquivos Rede Ita

Fotos 07 e 08 - Repórteres em atividade durante a pandemia



Fonte: Arquivo Pessoal | Arquivo Rede Ita

Quando aconteceu a diminuição dos casos na cidade e no Estado e o poder público começou a publicar novos decretos de flexibilização de atividades¹³, a direção da TV e o comitê de biossegurança analisaram o cenário, e trouxeram de volta alguns dos profissionais afastados e novas contratações também foram possíveis, inclusive de estagiários.

Em 2022, novas mudanças que aconteceram precisam ser citadas, a mais importante foi a mudança de nome e de forma administrativa da TV Itararé.

3.3 A TV Itararé agora é Rede Ita

Após quase 16 anos de existência, a TV Itararé passou por algumas reformulações estruturais, um novo layout foi apresentado e a programação passou agora a ser ainda mais interativa, deixando de ser apenas TV e chegando mais próxima do público de forma fluida, expansível e adaptável através das tecnologias e, principalmente, das redes sociais.

A **TV Itararé** passou a se chamar **Rede Ita**. Atualmente, a Rede Ita. A divisão de departamentos continuou a mesma, possuindo agora 08 programas produzidos pela própria empresa, programas genuinamente campinenses, todos do jornalismo especializado: *hard*

13

<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/arquivos-1/decretos-e-leis/DECRETON41.978DE30DENOVEMBRODE2021.pdf>

*news*¹⁴ *esporte*, cultura, entrevistas, games, entretenimento e religioso. Sua sede continua sendo na Rua Luiza Bezerra Motta, nº 200, bairro Catolé.

Foto 02 - Fachada da Rede Ita



Fonte: Emanuely Nogueira

As mudanças vieram no formato e nome de alguns dos programas, contratação de novos funcionários e a criação de um programa esportivo com maior participação do público, o **Ita Futebol Clube**.

Imagem 01 - Frame "ITA FC"



Atualmente a programação local começa às 11h30 da manhã, com a exibição do programa matinal **Em Dia** (anteriormente era chamado de **Meio Dia na Itararé**), apresentado pelo jornalista Anchieta Araújo, com participação dos repórteres do setor de jornalismo, quadros variados e a coluna esportiva do jornalista esportivo Gustavo Carneiro. O programa é transmitido via TV, através do canal 18.1, no canal da Rede Ita no YouTube.

¹⁴ *Hard news*: "notícia difícil" se levada a tradução ao pé da letra, mas colocando em jargões do jornalismo, o termo designa o relato objetivo de fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana.

Imagem 02 - Frame “Em Dia”



O programa **Diversidade**, de jornalismo cultural passou a ter duas edições: uma por volta das 13h15 e outra às 18h, de segunda à sexta.

Imagem 02 - Frame “Diversidade”



O jornal noturno **Itararé Notícias**, passou a ser chamado de **ITN**, que antes era apresentado por Anchieta Araújo e Mônica Victor e agora passa a ter Felipe Valentim e Pollyane Mendes na apresentação semanal e com revezamento de jornalistas da casa aos sábados.

Imagem 03 - Frame “ITN”



O jornal esportivo **Ita Esportes**, continuou a ser apresentado por Leandro Mamute durante a semana e nas terças com Paulo Ítalo.

Imagem 04 - Frame “ITA Esportes”



Às terças à noite temos o **Ideia Livre** que não mudou de conceito quando a TV Itararé tornou-se Rede Ita.

Imagem 05 - Frame "Ideia Livre”



Aos sábados temos a exibição de outros programas da casa, como o **É Bom Saber**, de jornalismo de cidadania e utilidade pública, apresentado por Leandro Pedrosa e o **It Games**, apresentado por Paulo Italo com as principais novidades sobre os jogos de videogame e de plataformas online.

Imagem 06- Frame "É Bom Saber”



Imagem 07- Frame "IT Games"

A Rede Ita também exibe alguns programas sazonais e programas que contratam espaço dentro da grade da emissora, dentre eles estão o **Tamo Junto**, o **Arraial Ita**, o **Dicas do Enem**, o **Batalha de Vizinhos** e a **Missa do Rosário**.

Imagem 08 - Frame "Tamo Junto"**Imagem 09 - Frame "Arraial Ita"****Imagem 10 - Frame "Dicas do Enem"****Imagem 11 - Frame "Batalha de Vizinhos"****Imagem 12 - Frame "Missa do Rosário"**

Em levantamento recente da emissora, o sinal chega em Campina Grande aos seguintes bairros: Centro, Prata, São José, Liberdade, Malvinas, Cinza, Verdejante, Alça Sudoeste, Major Veneziano, Bairro das Cidades, Catingueira, Três Irmãs, Cinza, Rocha Cavalcante, Dinamérica, Santa Rosa, Jardim 40, Cruzeiro, Santa Cruz, Presidente Médici, Velame, Novo Cruzeiro, Distrito dos Mecânicos, Itararé, Catolé, Estação Velha, Jardim Paulistano, Rosa Cruz, Mirante, José Pinheiro, Monte Castelo, Santo Antônio, Glória, Castelo Branco, Jardim Tavares, Bairro das Nações, Alto Branco, Conceição, Palmeira, Jeremias, Bodocongó, Santa Bárbara, Quarenta, Tambor e Ligeiro.

E também nas cidades vizinhas dentro do estado: Queimadas, São José da Mata, Puxinanã, Montadas, Aerial, Esperança, Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Galante. Com transmissão também no sertão nas cidades de Sousa e Patos, nos canais 18.1 e 18, respectivamente.

Em breve o sinal da Rede Ita vai chegar também em duas cidades do estado vizinho, Pernambuco: Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

O conteúdo veiculado na Rede Ita continua dando ênfase a uma programação voltada para a educação, as artes, o jornalismo de serviço e produções afins, seguindo diretrizes da TV Cultura.

Imagem 13 - Equipe da Rede Ita



3.4 Profissionais da Rede Ita: adaptação à mudanças

Entrando em uma nova fase, onde a pandemia está sendo controlada devido a chegada da vacina e várias outras situações de controle sanitário o comitê de biossegurança liberou o uso obrigatório de máscaras nos ambientes da TV e a retirada das divisórias de acrílico que foram instalados na redação e o recebimento de convidados no estúdio sem máscaras foi possibilidade.

O cenário atual é, de certa forma, promissor. As condições sanitárias já permitem o

“novo normal”, mas alguns cuidados como a higienização constante e o uso de máscaras ainda se faz necessária, devido ao surgimento de uma nova variante da COVID.

Fotos 05 e 06 - Redação durante a pandemia X redação atualmente



Fonte: Arquivo Rede Ita

3.5 Diversidade: o programa de jornalismo cultural genuinamente campinense

O programa Diversidade, um dos mais antigos da emissora, completou 15 anos agora em 2022, com a missão de trazer a agenda diária das artes e entretenimento de Campina Grande e seu entorno, ou seja, um conteúdo especificamente voltado para o jornalismo cultural primando por assuntos próximos a nossa realidade.

E tem como lema a arte, a diversão e a cultura.

O programa é genuinamente campinense e um dos mais antigos de TVs da Paraíba voltado unicamente para a cultura. Um espaço aberto para os produtores e trabalhadores do segmento criativo, sendo uma fonte de informação e interação para o setor artístico paraibano.

As pautas são em sua maioria no estilo *soft news* ou *features*¹⁵ que fogem do jornalismo designado *hard news*. Mas apresentando sempre as matérias *factualis*¹⁶, como eventos importantes para a cultura local e nacional.

Atualmente, o Diversidade é exibido de segunda à sexta-feira, com duas edições diárias, uma às 13h15 e outra às 18h. Na primeira edição é apresentada por Lucas Tarciano e Hermano Júnior (Lucas nas segundas, quartas e sextas, e Hermano às terças e quintas) e na segunda edição dividem a apresentação Yasmin Macêdo e Leandro Pedrosa (ele nas segundas, quartas e sextas, ela às terças e quintas).

O Diversidade apresenta diariamente reportagens, entrevistas, agenda cultural, agendamento que contempla as diversas linguagens da cultura, da arte e entretenimento. Além disso, há quadros fixos do programa: o Memória (que fala sobre a história e algumas curiosidades de Campina Grande); o Dica de Leitura (com sugestões sobre a Literatura produzida principalmente por paraibanos); Um Toque de Classe (que fala sobre música clássica); e o Quintas Negras (que debate temas como produções artísticas feitas por negros e levanta pautas sobre racismo).

¹⁵ *Soft news* ou *features*: notícias leves; textos mais leves, atemporais, que não estão necessariamente ligados a instantaneidade dos acontecimentos.

¹⁶ *Factualis*: matéria baseada em fatos observados e verificados pelo repórter, geralmente é ligada a um fato que aconteceu recentemente.

Durante o início da pandemia, os profissionais responsáveis pela Diversidade foram: o jornalista Hermano Júnior e o editor de vídeo André Ventura. Na fase mais aguda, foram reexibidas reportagens de caráter mais atemporal, já que as atividades da cultura estavam paralisadas e era impossível a manutenção de uma rotina de produção de conteúdo inédito.

Foto 07 - Anúncio da paralisação temporária das atividades



Fonte: Print Canal do Diversidade no YouTube¹⁷

O período de reprises foi de março de 2020 até outubro do mesmo ano. Hermano selecionava os conteúdos que seriam reprisados e, em seguida, produziu e gravou as cabeças¹⁸ do programa e André editava o que fosse necessário na matéria e montava o programa que ia ao ar.

Foto 08 - Hermano Júnior continuou apresentando o Diversidade



Fonte: Print Canal do Diversidade no YouTube¹⁹

Além disso, houve um pouco da absorção da perspectiva do jornalismo colaborativo, a partir da criação de novos quadros com indicações de leitura ou de produções audiovisuais vindas de telespectadores.

Até que com as primeiras flexibilizações de medidas sanitárias, em outubro de 2020, o programa pode recomeçar a produção regular de conteúdos inéditos. E foi nesse momento que começamos o estágio na Rede Ita.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uFCyIQcWME>

¹⁸ Cabeça é um jargão usado no jornalismo para chamar os textos curtos que o apresentador faz para introduzir a matéria que vai ser exibida.

¹⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_MntIPybLHw

3.6 Estágio em jornalismo cultural

O presente estágio foi desenvolvido entre outubro de 2020 e agosto de 2022. Formalmente, nossa alocação foi no departamento de programação, que dentre as responsabilidades, está a produção e apresentação do programa Diversidade. No início das atividades começavam as flexibilizações, após o necessário isolamento social que nos foi imposto devido ao quadro de pandemia em que o mundo se encontrava. Por conseguinte, o trabalho foi desenvolvido, a princípio, de maneira presencial, depois de uma pausa (devido a questões burocráticas da Universidade), as atividades ocorreram de forma remota e na terceira fase do estágio a rotina ocorreu novamente de maneira presencial, o que foi possível devido ao retorno das atividades presenciais por parte da UEPB.

O trabalho foi desenvolvido de segunda à sexta-feira, entre 13h e 18h15. As tarefas consistiam em participar de reuniões de equipe, seleção e produção de pautas, produção de reportagens de rua, gravação de *stand ups*, edição de roteiro/ texto para matérias, gravação de *off*, entre outras atividades.

Os desafios em outubro ainda eram muitos, tivemos que usar da criatividade para conseguir produzir conteúdo para os telespectadores do Diversidade. Uma das soluções encontradas foi começar a fazer entrevistas remotas, *online*, com o repórter no estúdio e o convidado na casa dele. Tudo isso com o entrevistado se utilizando das tecnologias possíveis, em casa. Muitas vezes, apenas a partir de um *smartphone* conectado à internet.

E mesmo para quem estava com o suporte técnico da TV, com câmeras, internet, outros componentes técnicos de qualidade e a ajuda de profissionais técnicos, o desafio era se adaptar a um formato ainda experimental para a emissora.

Eventualmente, enquanto estagiária, produzimos conteúdos por trás das câmeras, a exemplo de entrevistas no estilo perfil de artistas e outros/as profissionais que foram até a TV para um encontro breve, respeitando as normas técnicas exigidas pela emissora e as medidas sanitárias recomendadas pelas organizações sanitárias e de saúde para o procedimento de gravação.

A primeira experiência no vídeo foi em uma entrevista online com o professor Chico Leite que estava lançando o livro “A vovó é louca”. No momento da entrevista, o entrevistado estava em sua residência, em João Pessoa, e nossa equipe estava em um dos estúdios da até então TV Itararé, como mostra esse registro resgatado do aplicativo Instagram.

Foto 09 - Entrevista com o professor Chico Leite



Fonte: Print Canal do Diversidade no YouTube²⁰

²⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T-zsmKI4P_U

Durante o estágio, a catalogação e o planejamento de pautas eram definidos durante reuniões. Tivemos a liberdade de sugerir conteúdos que foram executados, ora presencialmente, ora a partir das entrevistas online. Aliás, no tocante a esta demanda de produção de pautas, foi muito importante o aprendizado do telejornalismo, no contexto de nossa graduação, uma vez que tivemos uma produção laboratorial, na qual ficamos justamente na equipe voltada a esta etapa preliminar, que diz respeito ao planejamento do que teremos para apresentar ao público.

Em relação às fontes, as nossas dificuldades iniciais foram decorrentes de não ter uma agenda de contatos muito grande, apesar de já ter trabalhado em projetos de pesquisa e extensão na área da cultural regional, uma rede de contatos para a produção de conteúdo não era tão diversificada. Essa dificuldade inicial paulatinamente foi sendo resolvida à medida que amadurecemos profissionalmente, daí a importância do estágio.

A questão do distanciamento social também foi algo muito desafiador. Além da paralisação das atividades culturais, a maioria das pessoas ainda permaneciam em isolamento social, tendo em vista que muitas atividades nesse período estavam em *home office*, não era recomendável ir ao encontro das pessoas em suas casas, nossa saúde e de nossos entrevistados eram prioridade, de modo que o formato de captação remota das entrevistas foi principal alternativa.

Imagem 14 - Pauta produzida durante o estágio



Fundação Pedro Américo
TV Itararé – Afiliada da TV Cultura



PAUTA	
RETRANÇA: LITERATURA	PLATAFORMA: TV
MATÉRIA: LIVRO "A VOVÓ É LOUCA"	
ENTREVISTADO: CHICO LEITE	
MEDIADOR/ENTREVISTADOR: EMANUELLY NOGUEIRA	
PRODUTOR(A): EMANUELLY NOGUEIRA	SUPERVISÃO: SAULO QUEIROZ
DEADLINE: 03/2021	PRIORIDADE:

HISTÓRICO:

O professor Francisco Leite é professor, escritor e jurista. Escreve obras jurídicas, poéticas e literárias. Ele está lançando o livro "A vovó é louca", que conta a história do sumiço da matriarca da família Terço Aurora após o falecimento do vovô.

FONTES:

CHICO LEITE (ESCRITOR / PROFESSOR)
Celular/ Whatsapp: [REDACTED]

SUGESTÃO DE MÍDIA:

- ENTREVISTA;
- IMAGENS DO LIVRO;
- INSTAGRAM: @ACILENEBARROSOFICIAL

Fonte: Arquivos Rede Ita

Quando pudemos voltar às ruas, foi preciso adequar-se às normas estabelecidas pelas autoridades sanitárias e pelo próprio comitê de biossegurança da UniFacisa, *holding*²¹ que administra a atual Rede Ita junto com a Fundação Pedro Américo.

²¹ Termo de origem inglesa, que designa empresas cuja atividade principal é deter participação acionária em uma ou mais empresas.

Fotos 10 e 11 - Rotinas de produção na pandemia

Fonte: Arquivo pessoal

Todo mundo sempre de máscara, respeitando certo distanciamento até na hora de posar para as fotos.

Nas entrevistas, inclusive, além do distanciamento, todos os presentes precisavam estar de máscara. Até mesmo se o repórter estivesse sozinho no vídeo o uso de máscara precisou ser mantido durante o tempo determinado pelo comitê.

Fotos 12 e 13 - Rotinas de produção na pandemia

Fonte: Arquivo pessoal

Apesar dos desafios cotidianos, a execução de pautas foi sempre muito tranquila, uma vez que os agendamentos eram feitos com antecedência por ser um período que inicialmente contemplou as pautas mais frias, ou seja mais flexíveis no tocante à factualidade.

À medida que novas flexibilizações iam surgindo, os eventos presenciais começaram a ser retomados, então as pautas factuais começaram a surgir.

Fotos 14 e 15 - Rotinas de produção na pandemia



Fonte: Arquivo pessoal

Por falar em pautas factuais, em 2022 boa parte do agendamento midiático esteve relacionado às contrapartidas da lei Aldir Blanc e a retomada de rotinas de apresentações nos espaços e/ou equipamentos culturais locais.

Foto 16 - Rotinas de produção na pandemia



Fonte: Print Canal do Diversidade no YouTube

No contexto, do programa Diversidade, o/a repórter que executou uma pauta também operacionaliza a pós-produção, ou seja, a edição do material que deverá ir ao ar. A recomendação é fazer a lapidação do material, fazer os recortes no que acha pertinente para que o conteúdo a ser veiculado fique com até três minutos de duração, com a coerência e clareza necessárias à efetiva compreensão por parte do público.

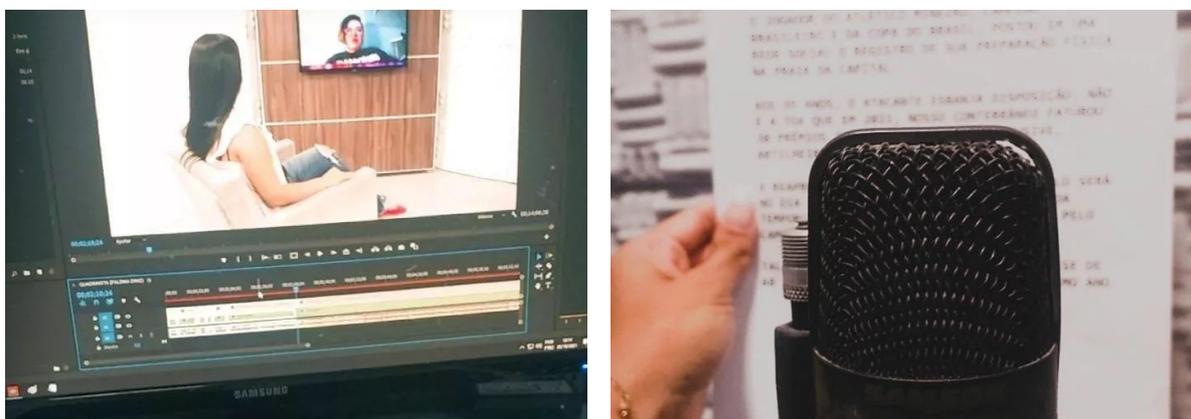
Nesse período de flexibilização a cadeia de pré-produção, produção e pós-produção passou a funcionar diariamente de forma mais dinâmica, pois as reportagens inéditas voltaram a condição de predominantes e o ritmo de trabalho mais próximo das rotinas do jornalismo antes da pandemia.

A edição do programa Diversidade é feita utilizando o software Adobe Premiere Pro, um aplicativo para edição profissional de vídeos que inclui ferramentas de criação avançadas para imagens, cor e áudio.

Eventualmente, o/a repórter escreve um roteiro com instruções para o editor de imagens. Os roteiros contemplam sugestão de *cabeça* para o apresentador e conteúdo de *off*²² explicando/mencionando/alertando acerca de imagens que podem ser utilizadas para uma estética mais condizente à produção sonora e imagética inerente ao que se espera da linguagem audiovisual.

A edição do programa Diversidade é feita utilizando o software Adobe Premiere Pro, um aplicativo para edição profissional de vídeos que inclui ferramentas de criação avançadas para imagens, cor e áudio.

Fotos 17 e 18 - Rotinas de pós-produção na pandemia



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 15 - Roteiro produzido durante o estúdio

Data:	Programa:	Programa:	Total
31/05/2022	COLEÇÃO DE BONECAS	Diversidade 2	00:47
Repórter:	Editor:	Imagens:	Classificação:
Freemoveby		MARIFE	Fica
[Editoriais]	[Off 1]		
Cultura Popular	UM QUARTO CHEIO DE BONECAS E BRINQUEDOS QUÊ: NEM MESMO A DONA MARLENE, A COLECCIONADORA SABE DIZER O NÚMERO EXATO DE ITENS QUE ESTÃO ALI.		
[Off 1 - Indicações]	[Sobe Som 1]		
Sem conteúdo	Sem conteúdo		
[Sobe Som 1 - Indicações]	[Off 2]		
Sem conteúdo	MORADORA DA ZONA OESTE DE CAMPINA GRANDE, A DONA MARLENE COMEÇOU ESSA COLEÇÃO HÁ CERCA DE 18 ANOS, DEPOIS DE PASSAR POR UMA FASE DIFÍCIL, ELA ENCONTROU NESSE NOVO HOBBIE UMA FORMA DE SUPERAR A DEPRESSÃO.		
[Off 2 - Indicações]	[Sonora 1 - Citação]		
Sem conteúdo	FALANDO SOBRE COMO COMEÇOU A COLEÇÃO E MOSTRANDO A BONECA QUE FOI DA FILHA		
[Sonora 1 - Entrevistado]	[Off 3]		
DONA MARLENE COLECCIONADORA	NA CASA DE DONA MARLENE A GENTE ENCONTRA BONECAS, BARBIES, BRINQUEDOS INFANTIS E ATÉ ITENS DA CULTURA POP. ITENS QUE ÀS VEZES CHEGAM ATÉ ELA COM ALGUM DEFEITO, QUE ELA FAZ QUESTÃO DE CONSERTAR.		
[Off 3 - Indicações]	[Sonora 2 - Citação]		
Sem conteúdo	FALANDO SOBRE PRODUZIR ROUPINHAS DE BONECASCAS CONSERTAR ELAS.		
[Off 4 - Indicações]	[Off 4]		
Sem conteúdo	UMA COLEÇÃO QUE ELA NÃO ABRE A MÃO POR NADA.		
[Sonora 2 - Entrevistado]	[Sonora 3 - Citação]		
DONA MARLENE LULELULALULUNA			
[Sobe Som 2 - Indicações]			
Sem conteúdo			

Fonte: Arquivos Rede Ita

²² Jargão jornalístico que o texto subjacente às imagens, na voz do/aa repórter que fez a matéria, numa reportagem de telejornal.

Ainda no processo de pós-produção, após o editor de vídeo realizar o procedimento de edição da matéria, considerando a pertinência entre off do/a repórter, eventuais inserções de infográficos e ajustes técnicos inerentes ao que lhe foi apresentado no roteiro de pós-produção, é de responsabilidade do/a repórter ou do editor do programa fazer a revisão do conteúdo, para que ele vá ao ar sem problemas de contexto ou com erros na identificação dos entrevistados, por exemplo.

Foto 19 - Rotinas de produção na pandemia



Fonte: Arquivo pessoal

Após a matéria ser considerada finalizada, ela fica disponível para ser encaixada dentro da previsão semanal do programa.

Imagem 16 - Previsão semanal do Diversidade

 				
PREVISÃO - DIVERSIDADE 2ª EDIÇÃO SEMANA DE 09 A 13 DE MAIO DE 2022				
SEGUNDA 09	TERÇA 10	QUARTA 11	QUINTA 12	SEXTA 13
1º BLOCO	1º BLOCO	1º BLOCO	1º BLOCO	1º BLOCO
FACTUAL REUNIÃO COM TRIOS E PREFEITO	FACTUAL CIRCUITO AUDIOVISUAL ALDIR BLANC	ARTES INTEGRADAS PROJETO JANELA DA RUA	AUDIOVISUAL CENTENÁRIO DE FELIX ARAUJO	CULTURA POPULAR AS FILHAS DE BARACHO
GIRO CULTURAL 1 MENSAGEM DA GARRAFA	GIRO CULTURAL 1 AURTAR 2	GIRO CULTURAL 1 CAMPAÑA DECORAÇÃO JUNINA	GIRO CULTURAL 1 DEPREDAÇÃO ESTÁTUA DE JACKSON DO PANDEIRO	GIRO CULTURAL 1 OFICINA DE ILUMINAÇÃO CÊNICA
2º BLOCO	2º BLOCO	2º BLOCO	2º BLOCO	2º BLOCO
MEMÓRIA CAMPAÑA NUNCA PERTENCEU A SÃO JOÃO DO GARRI	DICA DE LEITURA O PASSARO E BALA	UM TOQUE DE CLASSE REPRISE	QUINTAS NEGRAS MARTINHO DA VILA	PROPRIEDADE INTELECTUAL REPRISE
GIRO CULTURAL 2 PRÊMIO FAMÍLIA CIRCENSE	GIRO CULTURAL 2 CASAMENTO COLETIVO - FATOS	STAND UP AULAS CULTURAIS SÍTIO SÃO JOÃO	GIRO CULTURAL 2 SÃO JOÃO MULTICULTURAL DE JOÃO PESSOA	STAND UP FEIRA FARPA
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL RESULTADO DA PROMOÇÃO CLÍPE EU NUNCA IMAGINEI

Fonte: Arquivos Rede Ita

Também fazia parte da rotina da produção a construção de relatórios diários por turno com todas as atividades realizadas durante o expediente.

Imagem 17 - Relatório de equipe por turnos



RELATÓRIO DE QUINTA-FEIRA, DIA 30 DE JUNHO 2022 – TARDE
EQUIPE: EMANUELY, LEANDRO, EMANUELLY, VERTON, MARCELO FÁBIO.

ATIVIDADES	OBSERVAÇÕES	RESPONSÁVEL
GRAVAÇÃO BATE PAPO COM JOVENS ESCRITORES		EMANUELLY, MARCEL E FÁBIO
LUNHAUS MAX PETECA MÁRCIA NEVE JÓIAS BRITO		EMANUELLY
CORTE SONORA CORDEL O JUMENTO E A TROCA DOS BRINQUEDOS		LEANDRO
CORTES BATE PAPO COM JOVENS ESCRITORES		EMANUELLY
LUNHAUS MATERIAL COMPLEMENTAR: BATE PAPO COM JOVENS ESCRITORES / GIRO CULTURAL 01-07-22		EMANUELLY
EDIÇÃO CORDEL O JUMENTO E A TROCA DOS BRINQUEDOS		LEANDRO E VERTON
GIRO CULTURAL PRODUÇÃO	PROGRAMA DO DIA 01 DE JUNHO	HERMÃO
PRODUÇÃO CADERNOS TRAJINHO		LEANDRO
PRODUÇÃO CADERNOS DIVERSIDADE		LEANDRO E EQUIPE TÉCNICA
GRAVAÇÃO CADERNOS DIVERSIDADE		LEANDRO E EQUIPE TÉCNICA
PRODUÇÃO GIRO CULTURAL 01-07-22		EMANUELLY
EDIÇÃO DIVERSIDADE ABONDA CULTURAL		LEANDRO E VERTON

Fonte: Arquivos Rede Ita

É importante ressaltar que, durante junho e setembro de 2021, nosso estágio ocorreu na modalidade *home office*, pois o primeiro contrato havia acabado e, no período de renovação, a PROGRAD - Pró reitoria de graduação não permitiu que voltássemos ao estágio de forma presencial. Após a divulgação de uma nova portaria da UEPB, foi possível retornar ao estágio presencial, mas com uma carta assinada por um dos gestores da emissora comprometendo a observância de todas as medidas sanitárias recomendadas por órgãos competentes de saúde, naquele momento específico.

Nesse período, foi muito desafiador fazer um estágio longe do contexto da redação, pois é bem mais produtiva a discussão presencial das pautas, junto com a equipe que tem profissionais muito experientes, sem falar no desafio de conciliar essa rotina laboral com o dia a dia em casa, no trabalho concomitante com outras pessoas da família que também estavam em atividade remota.

Durante esses meses de estágio *home office* sugerimos e produzimos pautas a partir de todo o contato preliminar com as fontes, através de tecnologias móveis e com uso redes sociais. Durante esses meses de estágio em *home office*, o jornalismo colaborativo ajudou bastante, porque as fontes enviaram vídeos, repassados à redação para o tratamento de pós produção até o material ir ao ar.

Ao retornar para as atividades presenciais na emissora, voltamos a atuar como repórter, na cobertura de eventos culturais, uma vez que a cada nova flexibilização a capacidade dos eventos aumentava e o “novo normal” foi se consolidando. Nesse retorno, inscrevemos uma das matérias realizadas junto ao editor do Diversidade, Hermano Júnior, para a mostra de telejornalismo da 16ª edição do Festival Audiovisual de Campina Grande – Comunicurtas UEPB. A matéria foi sobre algo que representa bem a nossa história e cultura regional: o cuscuz, ícone de nossa culinária regional tão importante que ganhou até uma data para celebrá-lo, dia 19 de março. E com essa reportagem especial nós ganhamos o Prêmio Luiz Custódio de Folkcomunicação, marcando a nossa experiência de estágio com uma premiação em um festival audiovisual.

Fotos 20 e 21 - Premiação 16º Comunicurtas



Fonte: Print do YouTube²³ | Arquivo pessoal

É oportuno destacar ainda que, durante o estágio, tivemos a oportunidade de entrevistar algumas pessoas que são figuras conhecidas no cenário cultural local.

Fotos 22, 23, 24 e 25 - Rotinas de produção



Fonte: Arquivo pessoal | Arquivo Rede Ita

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1gDiXwzIQY&t=20s>

E na transição da TV Itararé para a Rede Ita passamos também por capacitações para não apenas começar uma nova forma de trabalho, mas também considerando o cenário de mudanças para esse momento da história, mas que deve perdurar no exercício do jornalismo pós- pandemia.

Fotos 26 - Treinamento da Rede Ita



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui apresentado nos permite ter um panorama sobre o impacto da pandemia no contexto da TV Itararé/Rede Ita, afiliada da TV Cultura em Campina Grande- PB. Na experiência aqui apresentada, mostrei a ressignificação do trabalho para pré-produção, produção e pós-produção do programa Diversidade, voltado à editoria de cultura e no qual vivenciamos uma experiência de estágio não obrigatório..

Durante os dois anos de estágio, tivemos a oportunidade de acompanhar todo o contexto da pandemia, em suas fases mais agudas e mais flexíveis, e as estratégias para fazer o programa supracitado em contexto tão adverso para todas as pessoas, sejam elas jornalistas, artistas ou espectadores/as.

Este artigo traz uma breve explanação da rotina produtiva: a escolha e a produção das pautas, a ida às ruas, e a edição das reportagens, entrevistas e conteúdos afins.

Salientamos que foram observados os protocolos sanitários no cotidiano desses afazeres, a exemplo do uso de máscaras, a adoção das entrevistas online, o respeito ao distanciamento entre entrevistados e repórteres, mesmo quando o material pôde ser gravado presencialmente, de modo que consideramos um período muito marcante para nosso amadurecimento profissional e humano.

Os profissionais que fazem o Diversidade tentaram se adaptar a tudo sem deixar de informar seu espectador, aperfeiçoando o potencial do jornalismo colaborativo, por exemplo, quando pedia para que o público sugerisse pautas, gravasse vídeos em seus celulares, respondesse às questões levantadas pelo produtor ou repórter enfim, consolidando essa condição multifacetada para a circulação de informações significativas às pessoas pela proximidade, pela reiteração de suas manifestações artístico-culturais.

Produzir conteúdo mostrando a nossa cultura regional, o trabalho de artistas locais e aprender a realizar todo o trabalho por trás e à frente das câmeras foi sem dúvida uma experiência muito válida, de modo que agradecemos e reafirmamos a importância de experiências dessa natureza na nossa trajetória de jornalista.

REFERÊNCIAS

AROSO, Inês; **CORREIA**, Frederico. A Internet e os novos papéis do jornalista e do cidadão. Revista Eletrônica Temática, 2007. **Disponível em:** https://www.academia.edu/2466652/A_Internet_e_os_novos_pap%C3%A9is_do_jornalista_e_do_cidad%C3%A3o

BALLERINI, Frantiesco. **Jornalismo cultural no século XXI.**: São Paulo: Summus editorial, 2015;

CASTRO, Flávia Lages de; **CARVALHO**, Maria Luiza. **Consumo de cultura na pandemia**, um retrato de março a agosto de 2020. Salvador: Pol. Cul. Rev, Vol 14, n 1, Jan/Jun 2021;

COSTA, Fábio. **TV Cultura, 50 anos:** a história da emissora de televisão mais respeitada do Brasil. Observatório da TV, 2019. **Disponível em:** <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/tv-cultura-50-anos-a-historia-da-emissora-de-televisao-mais-respeitada-do-brasil>

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Tradução: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar editores,, 1978. **Disponível em:** <http://arquivos.eadadm.ufsc.br/videos/modulo4/Antropologia/material/A%20Interpretacao%20das%20Culturas.pdf>

MACHADO FILHO, Francisco; **FERREIRA**, Mayra Fernanda. **Jornalismo colaborativo:** a comunidade na prática jornalística da televisão. In: CASADEI, Elisa Bacuri., org. *A extensão universitária em comunicação para a formação da cidadania* (online), p. 101-113 Cultura Acadêmica: São Paulo, 2016. **Disponível em:** <https://books.scielo.org/id/zhy4d/pdf/casadei-9788579837463-08.pdf>

MACHADO, Arlindo; **VÉLEZ**, Marta Lúcia. **Fim da Televisão.** In: CARLON, Mario; FECHINE, Yvana., org. Livro **O Fim da Televisão.** 1ª ed., p. 54-76; Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural:** Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura. Livro **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências.** 1ª ed., p. 53-68. São Paulo: Miro Editorial, 2009. **Disponível em:** <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011;

PRIOLLI, Gabriel. **TV é cultura.** Rumos do jornalismo cultural. São Paulo: Summus, 2007;

ROCHA, Luana. **A história da TV Cultura em quatro fases:** de 1969 a 2006. Palmas, 2010. **Disponível em:** <http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20historia%20da%20TV%20Cultura%20em%20quatro%20fases%20de%201969%20a%202006.pdf>

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo - Vol 01 - Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marcelo Alves Gomes Nogueira (in memorian) e Edina Lima de Moraes, primeiros professores, por estimular a educação e o gosto pela leitura desde cedo. Obrigada por me ajudarem a segurar as pontas quando decidi dar uma guinada de 180° na minha vida e finalmente cursar jornalismo.

À minha avó paterna, Zulmira Alves Nogueira (in memorian), por mesmo não sendo tão boa com as palavras financiou minha educação e com isso me permitiu chegar ao ensino superior público.

Às minhas irmãs Danielly Nogueira e Kelly Nogueira por me apoiarem e aplaudirem minhas pequenas vitórias.

À Edileuza Soares, minha segunda mãe, que me ensinou que a força do trabalho é necessária.

À professora Cássia Lobão pelo primeiro convite para ser voluntária no projeto de pesquisa “Entre tachos e textos” e desde então me orientar em diversos aspectos, inclusive neste trabalho de conclusão de curso de graduação, Você é inspiração!

À todos que fazem a Rede Ita pelos ensinamentos, pela força, pelas palavras de motivação e por estarem comigo em uma das experiências mais memoráveis que já tive. Em especial os agradecimentos vão para Saulo Queiroz pela oportunidade de estar nesta casa, à Hermano Júnior e Leandro Pedrosa pelas dicas, toques e conversas inspiradoras.

Aos professores Verônica Almeida, por me orientar no estágio obrigatório e aceitar participar da banca examinadora, e ao professor Orlando Ângelo pelos ensinamentos e por também estar presente nesta apresentação de trabalho de conclusão de curso.

Aos amigos jornalistas que encontrei nesta jornada e se mantiveram firmes e fortes.

A Universidade Estadual da Paraíba por ser resistência.